
Com a palavra, as apresentadoras: impactos do etarismo para jornalistas maduras e idosas na televisão¹

Cristiane FINGER²

Sofia Mello LUNGUI³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O etarismo é um tema que se mostra cada vez mais relevante no contexto atual, de inversão da pirâmide etária. Conforme a perspectiva interseccional de Collins (2022), o preconceito etário é atravessado por outras formas de marginalização social, e apresenta efeitos particulares para diferentes expressões de gênero. O presente estudo busca analisar os impactos do etarismo para apresentadoras de telejornais maduras e idosas, uma vez que muitas delas vêm se pronunciando sobre o tópico. Por meio da Análise de Conteúdo a partir de Bardin (2011), serão investigados relatos e depoimentos de jornalistas que vieram a público denunciar ou criticar essa discriminação.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; etarismo; envelhecimento; gênero; comunicação.

INTRODUÇÃO

O objetivo número 3 da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, da Organização das Nações Unidas (ONU), busca “assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todas e todos, em todas as idades” (ONU, s/d)⁴. Para alcançar essa meta, é necessário reforçar o combate ao etarismo. É assim que foi batizada a discriminação etária, também chamada de idadeísmo ou ageísmo. Desde 2016, existe uma campanha da Organização Mundial da Saúde (OMS) para combater esse preconceito que assola a sociedade.

Diversas pesquisas evidenciam os impactos dessa discriminação, estudada há décadas. O gerontologista norte-americano Robert Neil Butler foi o primeiro a usar o termo *ageism*, em inglês, referindo-se ao preconceito contra pessoas idosas. O teórico publicou um artigo em 1969, na revista científica *The Gerontologist*, definindo esse processo como uma combinação de três elementos interligados: as atitudes

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e-mail: cristiane.finger@pucrs.br.

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e-mail: sofia.lungui@pucrs.br.

⁴ Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/3>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

preconceituosas em relação aos idosos, à velhice e ao processo de envelhecimento; práticas discriminatórias contra os idosos; e práticas e políticas institucionais que perpetuam estereótipos sobre os idosos (Butler, 1969).

Mais de 50 anos depois, o problema persiste, mas há evidências de que não se trata de algo que afeta exclusivamente a população idosa, mas sim todas as pessoas, em diferentes momentos da vida. Assim, pesquisadores e organismos internacionais ampliaram a definição desse conceito, que hoje também pode designar preconceito contra qualquer grupo etário, ou seja, a discriminação que se dá exclusivamente pela idade, seja qual for.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Conforme a definição adotada pela Organização Mundial da Saúde, “o idadismo refere-se aos estereótipos (como pensamos), preconceitos (como sentimos) e discriminação (como agimos) em relação aos outros ou a nós próprios com base na idade” (OMS, 2021)⁵. O processo de transição demográfica traz à tona os debates sobre esse preconceito e seus efeitos. Ano a ano, a população mundial torna-se mais idosa. De acordo com o relatório *World Population Prospects* (2022), da ONU, até 2050, uma em cada seis pessoas terá mais de 65 anos, chegando a 16% da população mundial, e o Brasil segue a mesma tendência.

Com o processo de envelhecimento da sociedade, torna-se ainda mais relevante investigar os impactos do etarismo. Ayalon & Tesch-Romer (2018) destacam que essa forma de discriminação tem múltiplas facetas e desdobramentos para diferentes faixas etárias. Sob a perspectiva da interseccionalidade, cabe ressaltar que o idadismo se manifesta de diferentes formas para mulheres e homens – bem como outras expressões que vão além da lógica da binariedade.

Collins define a interseccionalidade como uma “lente para examinar como a análise crítica e a ação social podem se influenciar mutuamente” (2022, p.15). É urgente aprofundar os estudos no âmbito da Comunicação com este olhar crítico, considerando especialmente o marcador etário. O presente trabalho tem o intuito de explorar o entrelaçamento entre gênero e envelhecimento das mulheres no mercado de trabalho

⁵ Disponível em <
<https://cdn.who.int/media/docs/default-source/campaigns-and-initiatives/global-campaign-to-combat-ageism/9789275724309-por.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

jornalístico. Quando se trata do telejornalismo, especificamente, alguns fatores podem contribuir para colocar as mulheres em uma posição de marginalidade.

Diariamente, ao desempenharem o exercício profissional, as apresentadoras de telejornais têm suas imagens veiculadas nas emissoras de televisão em que atuam, submetidas ao juízo de milhares de pessoas – seja sobre sua aparência, sobre seu comportamento ou postura profissional. Diversas pesquisas já demonstraram os efeitos da pressão estética e das imposições sociais exercidas sobre as mulheres, e com as jornalistas que atuam na televisão não é diferente. Com a popularização das redes sociais, que possibilitam à audiência interagir com os apresentadores e emitir opiniões a todo momento, pode-se dizer que esse processo foi potencializado.

Por isso, o presente estudo tem como objetivo analisar os desdobramentos destes efeitos quando se somam ao etarismo, uma vez que o telejornalismo brasileiro conta com diversas apresentadoras mulheres de expressão, e muitas delas vêm se pronunciando sobre o tema, especialmente no último ano. Os relatos se multiplicaram após um caso de 2023 que ganhou ampla repercussão, da brasileira Patricia Linares, de 45 anos, que estudava Biomedicina na Unisagrado, no município de Bauru, em São Paulo.

A aluna foi hostilizada por três colegas de curso pelo fato de ter mais de 40 anos de idade e estar na graduação. Desde que viralizou o caso, em março de 2023, as reflexões sobre etarismo têm sido mais frequentes no Brasil, tanto em postagens nas redes sociais quanto em notícias que, por sua vez, também trazem desabafos de jornalistas, muitas vezes. As reflexões acerca do ageísmo na mídia vão além de questões no universo acadêmico, entrando também na dimensão do mercado de trabalho, e do próprio ofício jornalístico.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Depois que o assunto do etarismo ganhou ampla repercussão, surgiu uma quantidade expressiva de notícias, vídeos e publicações nas redes sociais com desabafos e depoimentos de profissionais da Comunicação preocupados ou frustrados com o problema, com uma abundância de relatos de mulheres, sobretudo. Jornalistas, apresentadoras e atrizes estão apelando às redes sociais para denunciar esse preconceito,

que não é algo novo, mas antes era invisibilizado ou considerado algo natural, sobretudo no âmbito profissional.

Por isso, no presente trabalho, as pesquisadoras buscam reunir relatos de jornalistas mulheres que tenham passado por esse tipo de discriminação e identificar quais são as facetas do preconceito, bem como investigar seus efeitos. Para isso, serão analisados depoimentos de apresentadoras de telejornais que vieram a público para denunciar ou comentar sobre o fenômeno do etarismo, com o intuito de identificar marcadores etários e de gênero que aparecem nos relatos.

Como procedimento metodológico, será adotada a Análise de Conteúdo a partir das estratégias propostas por Bardin (2011). Segundo a autora, “classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir o seu agrupamento é a parte comum existente entre eles” (2011, p. 148).

De acordo com a concepção de Ayalon & Tesch-Romer (2018), que trazem uma abordagem contemporânea sobre o tema, o etarismo pode se manifestar por meio de três esferas — afetiva (preconceito), comportamental (atitudes discriminatórias) e cognitiva (estereótipos, imagens e rótulos). E pode afetar os indivíduos a partir de três níveis: microestrutural, que surge do próprio sujeito (etarismo autodirigido), seus pensamentos, emoções e ações; o mesoestrutural, que pode emergir de grupos, comunidades, instituições e entidades sociais; e o macroestrutural, que nasce a partir de valores culturais ou sociais como um todo.

Para a análise dos relatos, serão abordadas essas três dimensões — microestrutural, que se refere ao etarismo a partir do indivíduo contra si próprio, mesoestrutural, que representa o preconceito a partir da audiência e de colegas de trabalho, e macroestrutural, relacionado às empresas de telecomunicações e suas práticas. Como categorias para a análise, serão adotadas as esferas afetiva, cognitiva e comportamental, alinhadas à classificação dos autores mencionados.

RESULTADOS PARCIAIS

Um dos casos que ganhou ampla repercussão foi o da repórter Veruska Donato, que atuou na TV Globo por 21 anos. A apresentadora de 46 anos foi demitida em 2021, quando ainda estava de licença médica para tratar transtornos mentais ligados à rotina exaustiva, e entrou com processo contra a emissora no início de 2023. Ela alegou que

sofreu etarismo, assédio moral e pressão estética, uma vez que a empresa exigia que ela perdesse peso e reclamava de suas rugas e da flacidez da pele. Na ação contra a emissora, Veruska mencionou que foi impedida de participar de um podcast por conta de sua idade.

Ela também destacou que as mesmas exigências não recaíam sobre os colaboradores homens, somente para as mulheres. A TV Globo não comentou as ações judiciais e negou as acusações. Em abril de 2024, a emissora foi condenada a pagar indenização por danos morais⁶. A Justiça determinou que a empresa pagasse R\$ 50 mil por “imposição de padrões estéticos”.

Recentemente, a apresentadora Renata Lo Prete também se pronunciou sobre o tema. A jornalista disse que o etarismo deixará de ser uma questão quando os homens forem questionados sobre esse assunto. Admirada pelos espectadores, a âncora de 59 anos afirmou que nunca sofreu preconceito etário na emissora, e que a televisão brasileira vem se tornando mais aberta às mulheres maduras e idosas.

Por outro lado, ela comenta sobre a pressão que mulheres mais jovens enfrentam. “Vou te falar uma coisa muito verdadeira, e falo isso não sei se é por ter uma filha de 20 e poucos anos: a cobrança para mulheres mais jovens serem perfeitas. E os jovens nem sempre têm a bagagem, a experiência, para ver as coisas desse jeito” disse em entrevista ao jornal Folha de S.Paulo em março de 2024⁷.

Ainda em 2022, a apresentadora Ana Paula Padrão publicou um desabafo no Instagram e também falou sobre em entrevistas, revelando seu desconforto com os comentários que dizem que ela “não aparenta a idade que tem”. A jornalista de 58 anos ressaltou que, para ela, esses elogios costumam “mascarar o preconceito”, tendo em vista que as pessoas pressupõem que ela deveria ter outra aparência, por conta da idade⁸.

Também foi noticiado o desabafo da jornalista Glenda Kozlowski, em dezembro de 2023. Aos 49 anos, a apresentadora da TV Bandeirantes afirmou que não dá importância ao etarismo. “Eu lido numa boa porque faço piada, rio do preconceito. A

⁶ Disponível em:

<<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2024/04/globo-e-condenada-a-pagar-r-50-mil-a-veruskadonato-por-imposicao-d-e-padros-esteticos.shtml>>. Acesso em> 27 jun. 2024.

⁷ Disponível em:

<<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2024/03/renata-lo-prete-descarta-jn-e-fala-de-etarismo-nuncame-pediram-para-parecer-mais-nova.shtml>>. Acesso em> 27 jun. 2024.

⁸ Disponível em:

<<https://www.band.uol.com.br/entretenimento/masterchef/noticias/ana-paula-padrao-faz-57-eesclarece-elogio-que-recebe-e-preconceito-16565263>>. Acesso em> 27 jun. 2024.

sociedade vai envelhecer. Se esse mundo se desfizer dos seus maduros, será um grande problema social”, disse em entrevista à revista Caras⁹. Relatos e situações como esta têm aparecido cada vez mais, principalmente no que tange o mercado de trabalho e a televisão brasileira.

Outro caso que reflete o problema foi o da jornalista Suzy Faria, do SBT, que foi atacada por apresentador da Record. O apresentador Michel Bermudes, da TV Vitória, afiliada da Record no Espírito Santo, ofendeu por áudio a repórter da TV Tribuna, afiliada do SBT na região. O jornalista disse que já estava na hora de Suzy se aposentar. “Tudo bem que você já deve estar perto de aposentar mesmo, né? Já tá na hora mesmo de aposentar”, disse Michel¹⁰.

O áudio circulou nas redes sociais em novembro de 2023, provocando debates sobre o assunto. A Rede Tribuna chegou a publicar uma nota de repúdio nas redes sociais, em defesa de Suzy, ressaltando que “a idade não define competência” e que “qualquer forma de discriminação é inaceitável”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses acontecimentos demonstram que o etarismo pode acarretar em situações negativas nas rotinas de trabalho, envolvendo não somente pessoas idosas, mas também pessoas maduras, acima dos 40 anos. Sobretudo, revelam que os impactos sobre as mulheres devem ser analisados com olhar crítico.

Casos como estes evidenciam a importância do debate sobre etarismo e de fomentar essa reflexão em âmbito acadêmico, especialmente nos campos da Comunicação e do Jornalismo, que ainda têm muitas lacunas nesse sentido. Para além dos objetivos já elencados, o presente trabalho busca abrir caminhos para futuras pesquisas na área, para que o telejornalismo brasileiro possa avançar e ter cada vez mais espaço para mulheres maduras e idosas.

REFERÊNCIAS

AYALON, Liat; TESCH-ROMER, Clemens. Contemporary perspectives on ageism. Springer Open, 2018. Disponível em: <https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-73820-8_1>.

⁹ Disponível em:

<<https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2023/12/6773720-glenda-kozlowskidesabafa-sobre-etarismo-aos-49-anos-rio-do-preconceito.html>>. Acesso em> 27 jun. 2024.

¹⁰ Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/11/26/apresentador-da-record-ofende-reporter-dosbt-em-briga-por-audiencia.htm>>. Acesso em> 27 jun. 2024.

BARDIN, Laurance. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BUTLER, Robert N. Ageism: another form of bigotry. *The Gerontologist*: v. 9, n. 4, 1969, p. 243-246. Disponível em: <https://academic.oup.com/gerontologist/article-abstract/9/4_Part_1/243/569551>. Acesso em: 25 jun. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica*. São Paulo: Boitempo, 2022.

OMS – Organização Mundial da Saúde. *Global report on ageism*. 2021. Disponível em <<https://cdn.who.int/media/docs/default-source/campaigns-and-initiatives/global-campaign-to-combat-ageism/9789275724309-por.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

ONU – Organização das Nações Unidas. *Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil*. S/d. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/3>>. Acesso em: 25 jun. 2024.